

ARGU(MEME)NTANDO: ARGUMENTAÇÃO, DISCURSO DIGITAL E MODOS DE DIZER

Mônica Graciela Zoppi-Fontana*

Introdução

Nos dias atuais já é um truísmo afirmar o sucesso das novas tecnologias de linguagem como espaço diferenciado de interlocução e relacionamento. Essa utilização massiva das redes sociais e dos diversos aplicativos de comunicação afeta constitutivamente as práticas discursivas, que ganham formas e funcionamentos próprios do discurso digital. Os internautas estão familiarizados com práticas de textualização que imbricam imagem, som e escrita e que circulam amplamente. Esses textos são reproduzidos inúmeras vezes em tempo recorde (ou seja, “viralizam na rede”) e surgem, em geral, como réplica a uma enunciação anterior. Os *memes* se constituem nesse modo de funcionamento, ao articular imagem e escrita de maneira lúdica e replicante (Coelho, 2014). Em muitos casos, *selfies* e *hashtags* se somam aos *memes* e, na sua sobreposição complexa, produzem deslizamentos e transgressões de sentido que obrigam a um movimento de releitura/reinterpretação do texto.

Neste trabalho, analisamos o funcionamento da argumentação na rede, explorando as práticas argumentativas próprias do discurso digital¹, que conjugam de maneira original formas linguísticas e imagéticas, em textos publicados nas redes sociais como *memes* e *selfies*, nas suas articulações mais variadas. Para explorar este modo diferenciado de ar-

* Professora Livre-Docente da Universidade Estadual de Campinas. Membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP e líder do Grupo de Pesquisa “Mulheres em Discurso”, CNPq.

¹ Tomamos a noção de *discurso digital* de Dias e Silva (2017). A autora esclarece, na apresentação da rede A2DI, que há uma especificidade da “dimensão digital/*numérique* dos discursos nativos da internet, ou seja, produzidos *online*. Trata-se massivamente de discursos produzidos pela e na dita web 2.0, a web social, a web das redes sociais digitais, mas igualmente os discursos produzidos anteriormente em fóruns ou outros lugares discursivos, e também os discursos/dados que constituem o que começamos a chamar de web 3.0”.

gumentar, que denominamos *argumentar*, tomamos como *corpus* textos que circularam nas redes sociais como resposta à matéria “*Marcela Temer: Bela, recatada e ‘do lar’*”, de autoria de Juliana Linhares, publicada na edição da revista VEJA de 18 de abril de 2016. A publicação desta matéria jornalística deu origem a uma reação imediata nas redes sociais, nas quais ocorreu um debate acalorado que denunciava o conteúdo machista e conservador do texto e seus pretendidos efeitos moralizantes.

Na primeira seção deste trabalho apresentamos brevemente nossa concepção de argumentação e sua relação com a língua, a enunciação, o discurso e o sujeito. Em seguida, analisamos o *corpus*, descrevendo o funcionamento dos textos postados por internautas em contestação à matéria da Veja. Finalmente, desenvolvemos uma reflexão sobre a enunciação irônica na rede e descrevemos a convergência/junção/imbricamento de práticas de textualização características dos *memes* e *selfies* na produção de um modo de *argumentação pelo absurdo* que confronta os efeitos do *discurso cínico* dominante.

1. Argumentação, enunciação e discurso

Pensar a argumentação de uma perspectiva materialista, tendo a língua, a enunciação e o discurso como objetos, é pensar os modos pelos quais a linguagem verbal (e, como veremos, outras materialidades significantes²) permitem direcionar o dizer para uma conclusão, inscrevendo os discursos nos conflitos ideológicos que constituem uma sociedade. A argumentação se dá, assim, numa relação entre: as formas de língua, a textualização em determinadas condições de produção e o interdiscurso, no qual se inscrevem as contradições ideológicas presentes na sociedade.

É no acontecimento da enunciação que a argumentação é produzida e pode ser observada, a partir da inscrição do sujeito em posições discursivas ideologicamente marcadas e em condições de produção historicamente determinadas. Sem referir os textos ao acontecimento de sua

² Tomamos a noção de *materialidade significativa* de Lagazzi (2012) que compreende o conceito *significante*, “não mais como imagem acústica, referida ao signo em determinada leitura saussuriana, mas como componente de uma cadeia estruturante falha, cuja materialidade específica (verbal, visual, sonora, gestual...) fica exposta à produção de significações”.

enunciação e ao interdiscurso que atravessa as formulações não é possível interpretar o movimento argumentativo nem os efeitos de sentido nele produzidos³.

A argumentação, então, é vista a partir do processo histórico-discursivo em que as posições ocupadas pelo sujeito na sua enunciação são constituídas. Assim, conforme explica Orlandi (1998, p. 78-79):

Se a argumentação é conduzida pelas intenções do sujeito, este tem, no entanto, sua posição já constituída e produz seus argumentos sob o efeito da sua ilusão subjetiva afetada pela vontade da verdade, pelas evidências do sentido. Os próprios argumentos são produtos dos discursos vigentes, historicamente determinados. Eles também derivam das relações entre discursos e têm um papel importante nas projeções imaginárias do nível da formulação, das antecipações.

Neste sentido, entendemos as formulações e os processos de textualização nas suas diversas formas a partir do conceito de *forma material*, definido por Orlandi (2001) como forma linguístico-histórica, nem substância empírica (o fenômeno observável na sua singular existência) nem forma abstrata (uma pura relação opositiva na estrutura). Em nosso trabalho, assumimos que a forma material (a partir da qual se constitui o sentido nos processos discursivos) é efeito de uma *praxis*, a saber: das práticas simbólicas de sujeitos na história. Importa destacar que a noção de materialidade discursiva que mobilizamos, entendida como o modo de existência sócio-histórica dos enunciados e textos, não coincide com as noções de língua nem de literatura, nem mesmo de “mentalidades”, de uma época, mas remete, conforme esclarece Pêcheux (2011), às condições materiais de existência simbólica dos objetos (científicos, estéticos, políticos, etc.) em uma conjuntura histórica dada. Conforme este autor:

Se o discursivo é uma materialidade histórica sempre já dada, na qual os sujeitos são interpelados e produzidos como “produtores livres” de seus discursos cotidianos, literários, ideológicos, políticos, científicos, etc., a questão primordial cessa de ser a da sub-

³ Retomamos aqui algumas considerações já feitas em Mónica Zoppi-Fontana e Sheila Elias de Oliveira (2016).

jetividade produtora do discurso e torna-se a das formas de existência histórica da discursividade (Pêcheux, 2011, p. 156).

Para a descrição da discursividade e dos efeitos de sentido que resultam delas, consideramos, seguindo Orlandi (2001), três momentos/movimentos constitutivos do discurso, que atuam simultaneamente, embora os separemos aqui para melhor defini-los:

A constituição: definida como a inscrição dos enunciados no interdiscurso para significar, a partir da filiação do sujeito a diferentes regiões da memória discursiva, na sua contradição constitutiva.

A formulação: resultado dos processos de textualização das formas linguísticas e de outras materialidades significantes, como efeito do trabalho simbólico do sujeito sobre a cadeia significante.

A circulação: o modo de existência histórica dos enunciados em condições de produção concretas, considerando aí seu modo de circulação na sociedade, constitutivamente afetado pelas relações desiguais de poder.

Assim, os textos que compõem o *corpus* serão analisados na sua *forma material* considerando esses três momentos. Em relação ao funcionamento da argumentação nos textos e particularmente na rede, consideramos que as eventuais intenções argumentativas dos sujeitos que enunciam – que derivam do nível da *formulação* e incidem na organização do dizer – já foram determinadas no nível da *constituição* do discurso em que as posições ocupadas pelos sujeitos são definidas por uma relação desigual e contraditória com o dizer. As intenções argumentativas são, então, efeitos de processos de significação, aos quais o sujeito não tem acesso direto e que se definem a partir das filiações ideológicas nas quais o sujeito se inscreve na sua enunciação. Lembramos que conforme Pêcheux (2011, p. 157):

As formas discursivas nas quais aparecem os ‘objetos’ (estradas de ferro, rua, praça, etc.) são sempre conjunturalmente determinadas enquanto objetos ideológicos; nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, esses objetos teriam a propriedade de ser ao mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural, politicamente sobredeterminado.

É justamente pelo fato de o sentido ser sempre dividido pela contradição que rege o interdiscurso em razão da determinação histórica dos processos discursivos que o sujeito é afetado na sua enunciação por essa divisão, que se materializa nas formulações marcadas pelo funcionamento das formas argumentativas. Direcionar o dizer responde, assim, aos embates do sujeito enunciador com a *divisão histórica do sentido*, que toca na língua a própria divisão do sujeito, constituído simbolicamente no campo do Outro. Isso porque, como explica Pêcheux (2011), no terreno da linguagem, a luta ideológica é uma luta pelo sentido das palavras, das expressões e dos enunciados: uma luta vital que traz a contradição para dentro da linguagem, no cerne da produção do sentido.

2. Acontecimento, memória e equívoco

Em 18 de abril de 2016, um dia após a aprovação na Câmara de Deputados do pedido de abertura de processo de *impeachment* contra a presidenta da República, Dilma Rousseff, a revista *Veja* publica uma matéria sobre a esposa do então vice-presidente, Michel Temer, com o título: *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*⁴. Este enunciado foi retomado e reformulado imediatamente nas postagens de reação indignada das internautas nas redes sociais. A seguir trazemos um recorte da referida matéria, no qual o título aparece reescrito de diversas maneiras, explicitando, por expansão, os sentidos atribuídos a cada uma das predicções⁵.

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice [...]

Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado [...]

⁴ A matéria é assinada por Juliana Linhares. Para nossa análise nos valem a versão *online*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

⁵ Aludimos aqui aos processos de reescritura descritos por Guimarães (2005), especificamente àquela que atua *por expansão* do sentido e que consiste em reescrever palavras (no nosso caso, predicções) já mencionadas anteriormente no texto por meio de enumerações, explicações, definições, exemplos, e outras operações semânticas de determinação/predicação das palavras.

Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

"Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada", diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. "Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras", conta a estilista Martha Me-deiros.

Tomamos como *corpus* para análise essa matéria e um conjunto de textos que a ele se referem, que circularam na mídia impressa e *online* e principalmente nas redes sociais nas duas semanas posteriores à publicação da reportagem na revista. Observamos, no entanto, que os efeitos de réplica e polêmica que essa publicação provocou permaneceram ecoando meses depois da publicação e o enunciado "*bela, recatada e do lar*" continuou a circular discursivamente, produzindo sentidos na contradição das filiações ideológicas que a ele se confrontam⁶.

A matéria publicada pela Revista *Veja* foi retomada e comentada em outros veículos da imprensa nacional, porém, foi a reação imediata das internautas nas redes sociais que deu visibilidade ao enunciado do título, deslocando-o ideologicamente nas múltiplas reformulações produzidas. Com efeito, quase imediatamente após a publicação *online* da matéria, as redes sociais (Facebook, Tumblr, Twitter, Instagram) foram desbordadas pela circulação de *memes* e *selfies* bem-humorados marcados com a *hashtag* #belarecatadaedolar.

A *hashtag* ganhou rapidamente o estatuto de *trend topic* e a polêmica instaurada na rede foi tema de novas publicações jornalísticas no país e no exterior. A título de exemplo apontamos duas dessas notícias:

The Hilarious Feminist Backlash To Brazil's Impeachment Fallout. De autoria da correspondente Shannon Sims, a matéria foi publicada na revista *Forbes*, na seção *Business and #ForeignAffairs*, em 20 de abril de

⁶ Por exemplo, a matéria *Escola de Princesas ensina meninas a serem belas, recatadas e do lar*, publicada no site *Metrópoles*, <http://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/escola-de-princesas-ensina-meninas-a-serem-belas-recatadas-e-do-lar#>, ou a matéria *Simone de Beauvoir, bela mas não recatada ou do lar*, do suplemento *Cultura do Estadão* online <http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/simone-de-beauvoir-bela-mas-nao-recatada-ou-do-lar/>, ambas publicadas em outubro de 2016.

2016, às 12h31. Citamos um trecho representativo do texto: “Nevertheless, this viral response is a demonstration of the beauty of the Brazilian sense of humor, and their cultural capacity to take something angering and turn it into a funny meme”⁷.

Reportagem sobre Marcela Temer gera reações irônicas na internet. Mulher do vicepresidente foi retratada pela revista Veja como “bela, recatada e ‘do lar’”. Publicada no jornal *Zero Hora*, na seção *Trend Topics*, em 20 de abril de 2016, às 02h24, atualizada em 21 de abril de 2016, às 07h05. O texto afirma que: “a publicação provocou reações nas redes sociais a partir da hashtag #belarecatadaedolar, com o compartilhamento de fotos de mulheres em bares, nuas ou fazendo gestos obscenos. Uma ferramenta para adicionar os dizeres às fotos, um Tumblr e pelo menos três eventos no Facebook também foram criados. No Instagram, a hashtag somava 64.799 publicações até a 0h desta quinta-feira”⁸.

Consideramos o enunciado *Bela, recatada e do lar* – e o conjunto de textos que o reformulam na sua vasta circulação no arquivo midiático – como um *acontecimento jornalístico*, dado o impacto que ele produziu tanto nacionalmente quanto no exterior. A noção de *acontecimento jornalístico* foi definida por Silmara Dela Silva em sua tese de doutorado, defendida em 2008, e retrabalhada pela autora anos depois como segue:

O acontecimento jornalístico “consiste em uma construção do jornalismo, enquanto uma prática discursiva da/na mídia e, como sabemos, a existência discursiva não se confunde com a existência empírica dos acontecimentos, quaisquer que sejam eles.” Ao lado da noção de acontecimento histórico (LE GOFF, 1996), entendemos o acontecimento jornalístico como uma prática da/na mídia que instaura discursividades, produzindo efeitos de sentidos para e por sujeitos, em determinadas condições de produção. [...] Como pensamos o acontecimento jornalístico discursivamente, acrescentamos que é no interior do arquivo, em suas condições de constituição, formulação e circulação, que podemos depreender um acontecimento jornalístico em seu funcionamento (Dela Silva, 2015, p. 5).

⁷ Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/shannonsims/2016/04/20/the-hilarious-feminist-backlash-to-brazils-impeachment-fallout/#2f1982c859fa>>. Acesso em: 15 out. 2016.

⁸ Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/04/reportagem-sobre-marcelatemergerareacoesironicasnainternet5782412.html>>. Acesso em: 15 out. 2016.

No caso que analisamos, a matéria inicial publicada pela revista *Veja* desencadeou uma reação de tal magnitude nas redes sociais, que acabou se tornando um acontecimento jornalístico, objeto de novas notícias e crônicas.

Nesse episódio, o que nos interessa assinalar é o papel central assumido na polêmica por um processo de textualização específico: aquele que imbrica imagem e enunciado verbal na forma de *memes* marcados por uma *hashtag*, que permite seu agrupamento e replicabilidade na rede⁹.

Tomamos a descrição geral dos *memes*, proposta por Costa-Moura (2014, p. 150), que os caracteriza como segue:

Já um ‘meme’ de internet é um conceito, uma ideia ou mesmo um estilo que se propaga rápida e intensamente pela www, sob a forma de hiperlink, vídeo, imagem, website, *hashtag*, etc., podendo se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, blogs, e-mails, fontes de notícias e outros serviços baseados na web, tornando-se em geral o que se costuma adjetivar como “viral” – de onde também se extrai o verbo “viralizar” que empregamos aqui e que é muito utilizado neste contexto para designar a propagação e, em especial, o momento de virada em que uma unidade de informação adquire a capacidade de se transmitir de forma vertiginosa.

Reunimos a seguir uma amostra de *memes* que circularam à época e que continuam disponíveis na rede.

Figura 1 – Exemplos de *Memes* associados à *hashtag* #belarecatadaedolar



Fonte: Revista Donna (online)¹⁰.

⁹ Cf. <https://twitter.com/hashtag/belarecatadaedolar>

¹⁰ Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/comportamento/2/belarecatadaedolar-que-expressao-grou-tanta-polemica-nas-redes-sociais/> >. Acesso em: 31 mai. 2016.

Como podemos observar na Figura 1, o enunciado presente na matéria da revista *Veja*, na sua materialidade linguística, é o elemento que se repete formalmente no texto dos *memes* e é também o elemento que deu origem à *hashtag* que organiza os trajetos das reformulações desse enunciado na rede. Essa transposição discursiva da manchete da matéria jornalística à *hashtag* afeta os gestos de leitura projetados sobre o enunciado: a *hashtag* identifica uma dispersão de textos na rede como uma série de textos relacionados por um dito/escrito (o enunciado reproduzido ou reformulado) e por um modo de dizer (contra-argumentativo e irônico). Assim, detemo-nos neste trabalho em analisar essa *hashtag* no seu funcionamento enunciativo e discursivo e, particularmente, na sua relação de composição significativa com os textos dos *memes* e *selfies* que recolhemos como *corpus*.

A Figura 1 apresenta um recorte de nosso *corpus*, composto por um conjunto de *memes* que mantém a estrutura formal do enunciado, que aparece inscrito no texto reproduzido de forma idêntica ou com pequenas modificações.

Em um primeiro caso, a formação nominal¹¹ *bela, recatada e do lar* não sofre alterações: tanto as palavras quanto a ordem em que elas se organizam no sintagma são conservadas. Porém, a materialidade linguística do enunciado é confrontada com a materialidade imagética das fotos que lhe servem de pano de fundo. As imagens dos *memes* são fundamentais para a compreensão do sentido: elas significam no contraponto, representando situações, comportamentos e figuras que contradizem as predicções de *bela, recatada e do lar*. Esta incongruência entre imagem e enunciado desestabiliza os sentidos produzidos pelo texto da matéria jornalística e questiona a pertinência dessas predicções para projetar um modelo de mulher contemporânea. É principalmente a designação *recatada* – e os sentidos a ela atribuídos pelos processos de reescritura presentes na matéria da revista *Veja* – que entram em contradição com as imagens. Estas trazem a representação de mulheres fa-

¹¹ Dias e Silva (2017, p. 204) propõe o conceito de *formação nominal*, com o fim de “captar o processo de constituição das construções nucleadas por nomes, e não o produto, em termos lineares, como é concebido o sintagma. Na condição de captar o processo, ela é concebida como uma formação articulatória que abriga um campo de pertinências entre o memorável e a atualidade do acontecimento”.

mosas ou anônimas, sós ou em grupos, fotografadas em poses desafiantes e provocadoras, que se opõem à normatização de uma moral que reserva à mulher o espaço doméstico do lar e que lhe destina roupas e comportamentos de acordo com um modelo que reprime práticas de liberdade e desejos sexuais.

No nosso *corpus* encontramos, ainda, uma modalidade específica do funcionamento da argumentação na rede que consiste na junção das formas de configuração próprias do *meme* e do *selfie*. Esse processo de textualização híbrido aparece representado na Figura 1, nas imagens que reproduzem autorretratos fotográficos (*selfies*) de internautas, sobre os quais se inscreve o enunciado *Bela, recatada e do lar* (trata-se dos *memes* reunidos na comunidade *Tumblr*). Assim, temos o que chamamos um *selfie memetizado*, que projeta imaginariamente um *eu* que enuncia e se mostra como corpo presentificado na enunciação, o que produz como efeito a representação de uma tomada de posição do locutor. Essa singularidade de um corpo, simbolicamente significado por um dizer mostrado em sua ancoragem enunciativa no *eu*, fornece o esteio enunciativo para a produção de um gesto de denúncia coletivo que ganha força pela sua repetição na rede.

Por outro lado, encontramos *memes* nos quais há um trabalho de reformulação do enunciado, que introduz novos elementos (reticências, sinal de interrogação e exclamação, marcas de negação) ou substitui lexemas: *Bela, desbocada e do bar, Bela...? Recatada...? Do lar...? Nem bela, nem recatada, nem do lar. Bela, recatada e do lar [sqn]*. Porém, esses gestos de intervenção sobre a forma do enunciado não chegam a incidir na estrutura composicional do sintagma. A formação nominal, mesmo incorporando modificações, ainda mantém a mesma ordem de aparição dos lexemas, o mesmo número de lexemas que entram na composição e a semelhança fonética entre os mesmos (lexemas com número igual de sílabas, mesma acentuação, fonemas de som semelhante). Assim, mesmo havendo subversão da forma, o *efeito de série* continua a ser produzido pela regularidade dos processos de reformulação.

Observamos, então, que nos *memes* que analisamos a imagem desdiz, subverte, transgride os sentidos já estabelecidos para a mulher no discurso patriarcal, que é atualizado pelo enunciado da revista *Veja*. Deste modo, os *memes* materializam relações de polêmica e interincom-

preensão¹² discursiva entre posições-sujeito antagônicas. Há um trabalho *sobre o texto*, marcado pela incongruência entre imagens e enunciados verbais e pelas transgressões/subversões na forma do enunciado, e *sobre o processo discursivo*, produzido pelo rearranjo das filiações a diferentes posições-sujeito na memória discursiva.

3. Hashtags e memes

O gesto de vincular um *meme* a uma *hashtag* participa na produção do efeito de série que está na base de seu funcionamento discursivo. No discurso digital (onde ela surge), a *hashtag* funciona como um marcador/indexador que facilita a organização e classificação dos resultados obtidos pelos mecanismos de busca. Entendemos, portanto, que:

Uma *hashtag* é uma palavra ou uma frase prefixada, precedida pelo símbolo # (*hash*, em inglês). Na verdade, e mais radicalmente, qualquer combinação — mesmo aleatória — de letras ou caracteres liderados pelo símbolo # é uma *hashtag*, porque se trata justamente de uma formalização da linguagem de tal ordem que nenhuma semântica vem caracterizá-la como linguagem. Um ‘post’ qualquer, em mensagens curtas de microblogging e serviços de redes sociais como o Twitter, Tumblr, Instagram, Flickr, Google + ou Facebook pode ser marcado com um ou inúmeros — o número é ilimitado — “#” antes de palavras que passam a fornecer um meio de agrupamento instantâneo de mensagens e metadados — os quais, a partir daí podem ser acessados, ao alcance de um clique, de qualquer lugar do planeta, juntamente com o conjunto todo (*streamming*) de mensagens que circulam na rede com a mesma #. As *hashtags* são usadas ainda para marcar mensagens individuais como pertencente a um grupo específico, ou marcar as mensagens como relevantes para determinados tópicos ou assuntos. Funcionam também como balizas para que os usuários encontrem e sigam (se filiem à cadeia) ou articulem listas de contatos ou apoios públicos com outros usuários de interesses semelhantes. Além disso, **aparecem de modo informal, apenas para expressar algo em uma mensagem (como um contexto, por exemplo), sem nenhuma intenção de categorizá-la para busca posterior ou com-**

¹² Cf. Maingueneau (1990).

partilhamento. Uma # pode ajudar a expressar humor, tristeza emoção, ou dar outras pistas contextuais, como por exemplo, #fofo, #sarcasmo, #partiu (#partiu festa, #partiu praia, etc.), #love (utilizada mais de 500 milhões de vezes só no Instagram) ou #me (200 milhões no Instagram – ambos, segundo <http://web.stagram.com/>) (Costa-Moura, 2014, p. 150-151, grifos nossos).

As *hashtags* mais usadas no Twitter ficam agrupadas no menu *Trending Topics*. Conforme Coelho (2014), a existência de uma *hashtag* implica que exista já um conteúdo indexado por ela e para ela, e visualizá-la é um convite para ver, repostar e contribuir para a construção da memória horizontalizada da rede.

Do ponto de vista enunciativo, consideramos que as *hashtags* operam como uma instrução de releitura e reinterpretação mostrada pelo locutor-tuiteiro no seu texto (ou pelo locutor-internauta em geral), que projeta um certo modo de dizer (que denominamos *ecoico*) e uma certa filiação discursiva sobre o dito/escrito. Como já dissemos, a *hashtag* organiza um trajeto de leitura no arquivo, ao estabelecer laços explícitos com outros enunciados e textos, aos quais se integra pelo *efeito de série* produzido pela repetição. Assim, um recurso técnico (uma etiqueta de indexação) próprio do funcionamento do discurso digital, se considerado no seu funcionamento enunciativo-discursivo, adquire um estatuto específico como forma de linguagem, ao se inscrever no jogo de relações entre sujeitos e sentidos que se configuram no acontecimento da enunciação.

Nesse conjunto de relações entre sujeitos, sentidos e discursos, a *hashtag* opera como uma marca explícita de *heterogeneidade discursiva* (Authier-Revuz, 1990): ela se mostra enunciativamente como *acréscimo*, dada sua colocação por justaposição sintática (nos textos do Twitter, do Instagram, das postagens do Facebook) ou por sobreposição imagética (no texto dos *memes*), e seu funcionamento se aproxima ao de uma *glosa metaenunciativa* (Authier-Revuz, 1990). Com efeito, sua aparição no texto desdobra a representação do locutor, que se mostra como espectador de sua enunciação, inscrevendo na cadeia significativa um autocomentário sobre o seu dizer, a partir do qual o sentido é reinterpretado em relação a um enunciado e a uma enunciação anterior. É desta forma que interpretamos a *hashtag* como marca de um *modo de dizer ecoico*: o texto marcado pela *hashtag* deve ser interpretado como *ressonância/eco/repetição*

de outros textos igualmente marcados no arquivo digital. Assim, o locutor inscreve sua enunciação em um espaço discursivo, no qual sua voz e seus enunciados retomam e reformulam outros enunciados, sendo, por sua vez, reformulados e retomados por outros locutores. Denominamos *ecoico* este modo de dizer para destacar seu funcionamento metaenunciativo e encontramos nele o fundamento de uma argumentação que ganha sua força e eficácia retóricas pelo *acúmulo* e pela *repetição* dos argumentos na rede. Uma argumentação que se dá pelo *excesso de eco* e que funciona, portanto, de maneira inversa a uma argumentação por autoridade, sustentada na legitimidade do locutor.

Neste sentido, concordamos com Dias e Silva (2017) quando caracterizam a *hashtag* como uma forma linguística, que vem se constituindo como pontos de convergência sociais, em particular nas divisões de sentido que afetam o sujeito no cotidianamente.

4. Memes como modalidade de argumentação própria do discurso digital

A circulação de *memes* na *web*, principalmente nas redes sociais, é um fenômeno recente, porém amplamente presente nas práticas contemporâneas dos internautas. Enquanto texto, o *meme* apresenta algumas marcas formais que o caracterizam e diferenciam de outros processos de textualização nativos do discurso digital. Por um lado, um traço característico de seu funcionamento é o *efeito de condensação* que caracteriza sua formulação: trata-se, em geral, de textos unitários, com enunciados curtos e elementos (áudio)visuais simples. Por outro lado, o *meme* associa materialidades significantes diferentes, que se imbricam de diversas maneiras, tendo sempre um elemento que se inscreve como *repetição/replicação* de um texto anterior. Inicialmente, o elemento repetido/repetível dos *memes* consistia na imagem que compunha o texto, a qual podia ser encontrada em *sites* especializados em fornecer modelos (*macros*) já prontos para a produção destes textos. Uma determinada *série de memes* pode ser identificada, assim, pela imagem que se repete neles, como, por exemplo, o conhecido *site Futurama Fry Meme Generator*, que fornece a imagem de uma personagem caricaturesca.

Figura 2 – Meme associado à minissérie Futurama.



Fonte: <https://imgflip.com/i/1c28cm>

Esses sites para produção de *memes* oferecem diversos tipos de imagens, que representam animais, desenhos ou caricaturas, celebridades, entre outras possibilidades. André Coelho, na sua dissertação de mestrado, tem se dedicado ao estudo do funcionamento discursivo dos *memes* na *web*. Segundo o autor, o *meme* se inscreve na memória metálica¹³ da rede como um gesto de interpretação que desloca sentidos.

A criação de um meme é um gesto de interpretação frente a memória metálica, filiado à memória discursiva da chamada cultura dos memes. Assim dizendo, a utilização de um determinado meme para uma situação específica cria um posicionamento político frente à rede, uma leitura possível de um elemento produzido em série. Os sentidos, através da replicação, se espalham e transbordam, e é através deste gesto que o meme se altera e se ressignifica. E ao se ressignificar, cria novos gestos de leitura, novas interpretações, que por sua vez geram outras ressignificações (Coelho, 2014, p.20).

Os memes, graças à natureza da memória metálica, não se substituem um ao outro, mas se somam. Discursivamente falando, o uso de um meme não impede o uso de outro, mas apenas adicionam-se novos memes locais a uma formação discursiva local (Coelho, 2014, p. 63).

¹³ De acordo com Orlandi (2006), trata-se de um funcionamento da memória próprio da internet e das novas tecnologias de linguagem, que se caracteriza pelo acúmulo, pelo excesso, uma memória na qual cabe tudo, sustentada na repetição formal de elementos que se somam quantitativamente. Trata-se de uma memória que não historiciza os sentidos, uma memória horizontal, saturada, sem esquecimentos, memória da máquina, que apenas significa quando referida à memória discursiva e à determinação do sentido pelo interdiscurso, em condições de produção concretas.

A *repetição* ou *replicabilidade* dos *memes* é, portanto, um traço definidor de seu funcionamento discursivo e de sua existência histórica na rede. Há elementos que são repetidos e a partir dos quais se produz, conseqüentemente, um *efeito de série*. Porém, afirmamos que este efeito de série não é resultado da mera repetição de elementos formais, mas de uma *regularização*, que necessariamente implica um jogo de forças entre o linguístico e o histórico, entre as formas significantes e seu modo de existência histórico. Achard (1999) desenvolve uma reflexão sobre essa “dialética” entre repetição e regularização na produção de *efeitos de série* e seu papel na constituição da “materialidade de uma certa memória social”. O autor aponta que:

O fechamento exercido por todo jogo de força de regularização se exerce na retomada dos discursos e constitui uma questão social. Se situamos a memória do lado, não da repetição, mas da regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o linguístico [...] Este eventual jogo de força é suportado pelas relações de formas, mas estas são apenas o suporte dele, nunca estão isoladas. Elas estão eventualmente envolvidas em relações de imagens e inseridas em práticas [...]

A regularização se apoia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador. Não há, como efeito, nenhum meio empírico de se assegurar de que esse perfil gráfico ou fônico corresponde efetivamente à repetição do mesmo significante. É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição (Achard, 1999, p. 15-16).

Assumimos, então, que o funcionamento discursivo dos *memes* se dá pelo *acúmulo e pelo excesso de enunciações*, que repetem um elemento formal (imagem, enunciado, som ou uma combinação desses elementos), já tomado/reconhecido em um processo de regularização. Assim, é necessário considerar o acontecimento enunciativo na sua relação com a memória discursiva, porém assumindo que:

[...] a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada, não como ad-

vinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso (Achard, 1999, p. 17).

É essa relação constitutiva entre o texto na sua composição formal, o acontecimento enunciativo e o memorável, enquanto *vestígio/indício* de outras enunciações que nele se encontram, que define para nós o funcionamento do *meme* enquanto um novo modo de argumentar na rede. Assim, o gesto analítico deve considerar que:

Um texto trabalha através da sua circulação social, o que supõe que sua estruturação é uma questão social, e que ela se diferencia seguindo uma diferenciação das memórias e uma diferenciação das produções de sentido a partir das restrições de uma forma única (Achard, 1999, p. 17).

Neste trabalho, focamos a análise no funcionamento argumentativo dos *memes*, aspecto este pouco estudado até agora. Para tanto, consideramos o *meme* como um *texto polifônico que se mostra enquanto tal*, dado que seu funcionamento enunciativo somente pode ser descrito a partir da relação que o *meme* estabelece com outras enunciações. Por um lado, é preciso descrever a relação estabelecida com os outros *memes* da série, na qual o *meme* se inscreve por efeito do elemento que se repete na composição textual (imagem ou enunciado verbal). Por outro lado, é necessário compreender a relação do *meme* com outros enunciados (nativos da *web* ou não), que são retomados ou comentados no *meme*. É na retomada de uma enunciação anterior que ressoa no/sob o texto atual que o *meme* encontra seu sentido e sua eficácia argumentativa, ao comentar, repetir, reformular ou parafrasear um outro texto e representar um certo modo de dizer de seu locutor.

5. Ironia e efeitos de releitura/reinterpretação

A marca mais contundente que identifica os *memes* como uma modalidade específica de argumentação na rede é seu funcionamento *lúdico* e o efeito de humor que eles produzem¹⁴. Esta característica aparece insistentemente citada em todas as matérias jornalísticas que comentaram a reação *memeal* à matéria da revista VEJA. Compreender e descrever

¹⁴ Coelho (2014) analisa o funcionamento lúdico e disruptivo dos *memes* em seu trabalho.

esta sua configuração como *discurso lúdico* é crucial, então, para analisar os movimentos argumentativos realizados pelos *memes* na sua inscrição e circulação na *web*. Orlandi (1996, p. 154) define o discurso lúdico como um tipo discursivo e o caracteriza a partir de três propriedades: a reversibilidade entre os interlocutores é total, por isso o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, os interlocutores se expõem a ele e os enunciados estão abertos à polissemia. A autora ainda observa que o lúdico é o que “vaza” em nossa formação social, ele produz ruptura em uma ordem de discurso que estrangula os espaços possíveis para um uso da linguagem não eficiente, não utilitário, orientado só pelo prazer de enunciar. Os *memes*, no seu uso geral na rede, apresentam no seu processo de textualização e circulação as propriedades identificadas por Orlandi para o tipo do discurso lúdico. Eles incorporam uma prática de escrita digital que imbrica materialidades significantes diferentes para produzir efeitos de humor e sentidos polissêmicos na circulação de enunciados entre internautas na rede. No *corpus* que analisamos, esse efeito de humor é produzido particularmente pela ironia, à qual entendemos como um *modo de dizer* específico¹⁵.

A ironia já foi objeto de inúmeros estudos. Neste trabalho, nos apoiamos na proposta descritiva de Orlandi (2012, on-line) e dialogamos com a análise argumentativa de seu funcionamento desenvolvida por Ducrot (1988). Este autor propõe uma análise polifônica da ironia, que reconhece nos enunciados tidos como irônicos a presença de no mínimo dois enunciadores: um que sustenta um ponto de vista que será mostrado como absurdo por outro enunciador. Desse modo, de acordo com Ducrot, o enunciador irônico inverte a orientação argumentativa para a qual direciona o ponto de vista apresentado pelo enunciador ridicularizado. Este seu valor contra-argumentativo explica a aparição frequente de enunciados irônicos em relações de polêmica discursiva estabelecidas entre posições-sujeito antagônicas no interdiscurso, como aparece fartamente ilustrado no nosso *corpus*. Orlandi (2012, on-line)

¹⁵ Orlandi (2012, on-line) realiza uma crítica feroz ao conceito de literalidade do sentido ou transparência referencial da linguagem, o que lhe permite se distanciar da clássica oposição entre sentidos literais e figurados, entre uso ordinário/sério da linguagem e figuras de linguagem. A autora propõe falar “preferentemente em modos de enunciação (ou de interlocução) que estabeleceriam a distinção que tradicionalmente se atribui a discurso figurado/não figurado”.

também considera o desdobramento enunciativo que particulariza o funcionamento da ironia, enquanto uma forma específica de relação com o discurso outro, porém destaca os efeitos de destruição, dispersão e desestabilização do senso comum que ela produz.

Pela ironia, colocamos em jogo nossas convicções, ou seja, nossas "suposições prévias" que garantem o funcionamento do senso-comum. Suspendemos a relação com o senso-comum em vários domínios: em relação à própria língua e ao uso que fazemos dela; em relação ao conhecimento; em relação ao real; em relação aos mecanismos sociais etc. A menção ecoica, a distância crítica, se faz sobre o senso-comum. Para ter efeito irônico, o discurso deve instaurar alguma coisa de insólito, de incongruente, pressupondo a congruência e solidez do senso-comum. Essa incongruência pode ser observada em sua função de ruptura, de destruição (Orlandi, 2012, on-line).

Essa dimensão de ruptura e destruição do sentido e de não comunicação apontada por Orlandi é preciosa para nossa análise. Como já demonstramos, os *memes* se caracterizam como modo de dizer ecoico que mostra no seu funcionamento um desdobramento da enunciação. As imagens e/ou sons que compõem o *meme* produzem uma incongruência interna ao texto, que obriga a uma releitura/reinterpretação dos enunciados verbais com os quais estão imbricadas materialmente. Embora esse processo de textualização na contradição de materialidades significantes produza um efeito de oposição entre os elementos formais e em relação às enunciações que aparecem mencionadas ecoicamente, seria redutor considerar essa oposição como uma simples *inversão da orientação argumentativa*. Como diz Orlandi (2012, on-line), a ironia tem *a dimensão de um acontecimento discursivo*. Insistimos nesse ponto porque nos permite trazer para a reflexão a sobre-determinação dos processos de significação pelas condições históricas de sua produção, sempre assombradas pela contingência dos encontros que constituem seu modo material de existência¹⁶.

¹⁶ Remetemos o leitor à reflexão que desenvolvemos sobre o acontecimento discursivo em Zoppi-Fontana (2009, 2015). Nesses trabalhos consideramos que o discurso, na sua dimensão de acontecimento, tem na contingência dos processos históricos seu modo material de existência, ao tempo que encontra no impossível da língua (alíngua) sua condição simbólica de existência.

A ironia se dá pelo estabelecimento de uma região significante, de um espaço de linguagem em que não só simulações, mas também alusões e mesmo rupturas de significação podem ser desenvolvidas [...] A produção e a apreensão da ironia é histórica e socialmente determinada. Há uma distribuição histórico-social desigual em relação às convenções e situações nos quais ela funciona. As situações irônicas não são fatos brutos, mas construções (Orlandi, 2012, on-line).

Pelo seu poder de ruptura e destruição dos sentidos já estabilizados socialmente, ou apresentados na enunciação como tais, a ironia pode ser interpretada como um tipo de *argumentação pelo absurdo*. Ela seria o primeiro passo de uma prática argumentativa que visa resistir à dominância de discursos hegemônicos na sociedade e desconstruir os efeitos de evidência por eles produzidos, demonstrando o absurdo que os habita; seria, então, a condição necessária, porém não suficiente, para a construção e legitimação de outros sentidos e de outras práticas sociais. Os memes que analisamos, afetados por um modo de dizer irônico, agem como um ataque direto aos sentidos estabilizados pelo funcionamento patriarcal de nossa sociedade, porém, não os substitui. O *efeito de condensação* que caracteriza a textualização dos *memes* contribui para a incompletude do sentido e o seu funcionamento como discurso lúdico reforça os efeitos de abertura polissêmica dos movimentos argumentativos projetados pelo texto. A enunciação *memeal* dispersa, desloca e subverte a enunciação da revista *Veja*, deixando em aberto o caminho para a estabilização de outros sentidos.

Argu(meme)ntar: entre o absurdo e o cinismo

Como resultado de nosso trabalho concluímos que o *meme* funciona como uma modalidade de argumentar própria do discurso digital: a *argu(meme)ntação*. Trata-se de um tipo de discurso lúdico que visa à produção de efeitos de humor. O imbricamento de materialidades significantes é constitutivo e definidor de seu funcionamento argumentativo, pois é a sobreposição de imagem (eventualmente som) e enunciados verbais que instaura no texto a incongruência necessária para produzir um movimento de releitura/reinterpretação. O *meme*

ganha sua força argumentativa do *efeito de acúmulo* produzido pelo excesso de enunciações que repetem um mesmo elemento formal, este já tomado e reconhecido em uma série instituída por um processo de regularização da memória discursiva. O funcionamento enunciativo do *meme* somente pode ser descrito, então, a partir da relação que estabelece com outras enunciações, que se inscrevem como memorável no acontecimento enunciativo. O trabalho simbólico combinado de um *meme* e uma ou mais *hashtags* constrói um modo de dizer *ecoico*: o *meme* marcado pela *hashtag* deve ser interpretado como *ressonância/eco/repetição* de outros textos igualmente marcados no arquivo digital. Neste sentido, o *meme* é um objeto paradoxal por excelência: é um *texto dividido* pela incongruência material de sua forma, pela polifonia dos agenciamentos enunciativos e pela contradição das filiações ideológicas que o atravessam.

No caso de nosso *corpus*, a esse funcionamento se soma o processo de desconstrução e ruptura de sentido produzido pela ironia¹⁷, que tensiona as divisões do dizer materializadas ludicamente no texto dos *memes*, chegando a construir uma *argumentação pelo absurdo*. Pela ironia, os *memes* desestabilizam enunciados do senso-comum e colocam em circulação novos sentidos transgressivos. Dito de forma mais incisiva, a ironia que atravessa os *memes* instaura a prática mesma de transgredir como traço definidor de seu funcionamento. Não há substituição de um discurso pelo outro, mas sobreposição, releitura e reinterpretação no imbricamento de materialidades significantes e na contradição de posições-sujeito no interdiscurso.

Para finalizar, gostaríamos de interrogar as causas da produtividade deste novo modo de argumentar que tomou conta das redes sociais. A *argu(meme)ntação* é, na nossa visão, a forma mais frequente de disputa de sentidos na *web*, resta saber por que. Arriscamos aqui uma resposta. Pelo seu funcionamento lúdico/polissêmico e frequentemente irônico, os *memes* se inscrevem, nas atuais condições de embate discursivo, como

¹⁷ Esclarecemos que não confundimos funcionamento lúdico dos *memes* com seu eventual efeito irônico. Embora seja constitutivo do *meme* produzir um efeito de humor e funcionar como um tipo de discurso lúdico, não são todos os *memes* que incorporam um modo de dizer irônico. Existem *memes* cujo efeito é de reforço, comemoração ou simplesmente comentário de outros enunciados e sentidos, sem incluir o efeito de desconstrução e ruptura irônica do sentido nem de desqualificação pelo absurdo de outra enunciação.

uma forma condensada, mas eficaz, de desestabilização/deslocamento/destruição das evidências que sustentam a circulação hegemônica de um *discurso cínico*. A partir de nossa análise, compreendemos a *argumemntação*, em espaços de polêmica discursiva, como uma prática de resistência possível à *razão cínica*. Assim, a *argu(meme)ntação* permitiria denunciar o absurdo na/da enunciação do sujeito cínico contemporâneo.

E aqui retomamos a reflexão de Baldini (2012) sobre os processos atuais de subjetivação no cinismo. O autor afirma que:

É preciso separar o *Kynisme* grego daquilo que Sloterdijk chama de *razão cínica*. O *Kynisme* grego (semelhante à carnavalização bahktiniana) pode ser definido como prática discursiva alinhada à paródia e que procurava corroer a “ideologia oficial” por meio do exercício de uma crítica de resistência aos sentidos cristalizados. Nesse sentido, o *Kynisme* tem o caráter de contestação de um poder que perdeu seu caráter de legitimação, ou seja, uma prática de linguagem típica de situações de anomia. [...] Já a *razão cínica*, conceito proposto por Sloterdijk, vai mais no sentido de uma impostura, como se passássemos, no nível ideológico, da célebre formulação de Marx (“eles não o sabem, mas o fazem”) para um “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem” (Baldini, 2012, p. 107).

Consideramos que a *argu(meme)ntação* rói as bases da *razão cínica*, revelando a impostura de seus argumentos, sem, no entanto, obrigar o locutor a substituí-la por alguma outra ordem racional de argumentos. Nesse sentido, ela responderia às inflexões do discurso digital, tensionado pela velocidade e instantaneidade do fluxo de informações na *web* e pela migrância do sujeito. A enunciação *memeal*, sempre pontual e dispersa, instaura na rede um modo de argumentar sem nome, que impacta o trajeto dos sentidos na rede.

A *argu(meme)ntação* se dá como *ato*, é repetição, ruptura e irrupção, e sua força simbólica está justamente nessa sua dimensão de acontecimento. Um breve encontro lúdico de formas da língua, imagens e *hashtags*. Os *memes* talvez sejam, assim, pequenos flagrantos do *kynisme* contemporâneo.

Referências

- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, Pontes, 1999. p. 11-17.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cad. Est. Ling.*, Campinas, n. 19, p. jul./dez., 1990.
- BALDINI, L. J Discurso e cinismo. In: Mariani, B.; V. Medeiros (Org.) *Discurso e...* Rio de Janeiro, 7Letras-Faperj, 2012. p. 103-112.
- COELHO, André L. P. F. *Brace yourselves, memes are coming: formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet*. 2014. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem; Labjor. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2014.
- COSTA-MOURA, F. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XVII, número especial, p. 141-158, agosto de 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000300012. Acesso em: 31 mai. 2016.
- DELA SILVA, S. Sobre a mídia e os seus arquivos: o sujeito mulher como acontecimento jornalístico. *Anais do VII SEAD: A Análise de discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Recife, UFPE, 2015. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO03/SilmaraDelaSilva.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2016.
- _____. *C. O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. 2008. 237f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.
- DIAS, L.; SILVA, C. D. Os espaços de trabalho com a língua na pesquisa científica e no ensino: as hashtags em pauta. In: DI RENZO, A. M.; MOTTA, A. L. A. (Org.) *Ciência, língua e ensino*. Campinas: Pontes, 2017. p. 189-208.
- DUCROT, O. *Polifonía y argumentación*. Trad. Ana Beatriz Campo e Emma Rodríguez. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.
- LAGAZZI, S. A equívocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL*, 23, 2008, Goiânia, GO. Resumo expandido. Goiânia, Anpoll, 2008. p.1-3. Disponível em: <http://dln.flch.usp.br/sites/dln.flch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2016.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências da Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas, Pontes, 1990.
- ORLANDI, E. Tipologia de discurso e regras conversacionais. In: Orlandi, E. *A linguagem e seu funcionamento*. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996. p. 149-175.
- _____. Discurso e Argumentação: um Observatório do Político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 1, p. 73-81, jul.-dez., 1998.
- _____. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.

- _____. Conversa com Eni Orlandi. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan/dez, 2006.
- _____. *Discurso em Análise. Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, Pontes, 2012
- _____. Destruição e Construção Do Sentido: Um Estudo Da Ironia. *Revista WEBdiscursividade*, Edição 09, jan.-mai. 2012. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2016.
- PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. In: Orlandi, E. P. (Org.) *Análise de discurso*. Michel Pêcheux. Campinas, Pontes, 2011. p. 151-161.
- ZOPPI-FONTANA, M. O acontecimento do discurso na contingência da história. In: FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (Org.) *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 133-146.
- _____. Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal. *Conexão Letras, Estudos Linguísticos e Literários e Suas Interfaces Com a Filosofia a Marxista*, Porto Alegre, v. 9, n.12, p.23-36, 2014.
- ZOPPI-FONTANA, M.; ELIAS DE OLIVEIRA, S. Tá Serto! Só Que Não... Argumentação, Enunciação, Interdiscurso. *Linha d'agua (online)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-155, 2016.

